

O GÊNERO EPIDÍTICO NA CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

THE EPIDICTIC GENRE IN GETÚLIO VARGAS'S TESTAMENT LETTER

José Adriano de Oliveira¹

Recebimento do texto: 16/03/2021

Data de aceite: 12/04/2021

RESUMO: Investigou-se a carta-testamento de Getúlio Vargas sob a perspectiva do gênero epidítico, nos estudos da nova retórica de Perelman. Na concepção do autor, o gênero epidítico permite uma identificação de acordos do orador com o auditório e a análise de elementos que serão apresentados para o público, contando com uma prévia aceitação do mesmo. O objetivo deste trabalho é identificar, de modo didático, por meio de perguntas elementares da retórica, os dois gêneros que se dialogam reciprocamente e as estratégias argumentativas que permitem a identificação do gênero escolhido.

PALAVRAS-CHAVE: Carta-testamento. Epidítico. Argumentos. Retórica. Política.

ABSTRACT: Getúlio Vargas' testament letter was studied from the perspective of the epidemic genre, in the studies of Perelman's new rhetoric. In the author's conception, the epidemic genre allows the identification of the speaker's agreements with the auditorium and the analysis of elements that will be presented to the public, with a prior acceptance of the same. The objective of this work is to identify, in a didactic way, by means of elementary questions of rhetoric, the two genres that communicate and the argumentative strategies that allow the identification of the chosen genre.

KEYWORDS: Letter-testament. Epiditic. Arguments. Rhetoric. Politics.

¹ Mestrando no programa de pós-graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). E-mail: adrianohamlet@gmail.com

Introdução

Inicialmente, o discurso político pode ser compreendido como uma atividade que possibilita a constituição de argumentos que agregam valores a uma pessoa por meio do caráter e de feitos em uma dada circunstância. Na análise retórica há um arsenal valioso e denso, mas que pode também ser utilizado de modo mais corriqueiro. Para isto, é necessário compreender o contexto, o público, a intencionalidade e os gêneros retóricos que permitirão um maior alcance das inúmeras questões que rondam as palavras.

Esta breve pesquisa repousa na análise circunstancial da carta-testamento de Getúlio Vargas, motivada por estudos, análises e leituras do campo retórico. A escolha do gênero epidítico deve-se ao fato de compreender o modo como está presente neste conteúdo analisado e que pode também ser uma excelente forma de entender situações em que há discursos que procuram exaltar/censurar, por meio de estratégias, para um público específico.

As perguntas circunstanciais constituem uma forma de tentar compreender a retórica de um modo mais didático, próximo às necessidades de interpretação. A pergunta retórica permite que ocorra uma identificação de elementos essenciais como o assunto, o conteúdo, a intenção e o modo como algo foi construído.

Há outras ricas possibilidades que este mesmo conteúdo autoriza, mas este trabalho tem o objetivo de mostrar como, através de conteúdos com grande arcabouço literário e discursivo, também é possível dar os primeiros passos na compreensão retórica.

O discurso epidítico:

Aristóteles foi o mentor dos estudos retóricos. Em sua *technê rhêthorike*, elaborou um estudo sobre o ato de argumentar, atitude muito pertinente e cobiçada pelo ser humano, pois através da arte retórica defendem-se ideias, buscam-se agregados para as elucubrações e, acima de tudo, constituem-se normas e visões que prevalecem nos costumes e nas atitudes morais de uma sociedade ou de um grupo.

No campo da retórica há a abordagem sobre o *ethos*, em que o sujeito constrói sua imagem, de modo que interfira na aceitação dos argumentos; sobre o *logos* pelo qual elaboram-se persuasões e faz-se verdade aquilo que se defende diante de um público; e por fim o *pathos*, pelo qual o sujeito desperta as emoções do auditório através daquilo que foi apresentado. Tais dimensões agregam-se aos gêneros discursivos, que são formulados a partir da intenção retórica do orador e do modo como o auditório reagirá: o gênero judiciário que visa defender ou acusar, tendo o auditório como tribunal; o gênero deliberativo que aconselha ou desaconselha, no qual o auditório é visto como uma assembleia; e o gênero epidítico em que ocorre a censura ou a exaltação de uma pessoa ou de um grupo que age, levando em consideração a adesão de valores já conhecidos e existentes no auditório. Por ser um ato de louvação e elogio em determinadas situações é o discurso epidítico que aqui abordar-se-á no contexto de produção da carta de Vargas.

O gênero epidítico instaura-se em vários contextos em que a exaltação faz parte das ações humanas. O ser humano necessita do encantamento, da aprovação e também da adesão comum das ideias e coisas em que acredita. Percebe-se o quão ativo é este gênero nas diversas ocasiões em que as pessoas se congregam para determinados fins políticos, religiosos, sociais e familiares. Nas reuniões políticas há as convenções; no contexto religioso conta-se com uma infinidade de rituais e ações, nas dimensões sociais e familiares há as confraternizações e celebrações, que não deixam de exaltar tais ações e pessoas. De acordo com Perelman e Tyteca (2005, p.57): “os discursos epidíticos apelarão com mais facilidade a uma ordem universal, a uma natureza ou a uma divindade que seriam fiadoras dos valores incontestes e que são julgados incontestáveis”

Na sociedade atual pouco se permite a neutralidade frente às diversas circunstâncias. Há uma certa tendência para posicionamentos e com eles a aprovação ou a censura. É um campo drenado para o discurso epidítico, em que restará ao auditório repelir ou aceitar os discursos que o permeiam. Pode-se comparar o discurso epidítico à apresentação teatral em que as pessoas aplaudem o espetáculo pela atuação ou pela autoria do roteiro, mas podem, ao mesmo tempo, aceitar as críticas ali apresentadas, demonstrando assim concordância com o julgamento exibido. Diferentemente dos discursos deliberativo e judiciário,

o epidítico, também chamado como laudatório, não propõe conflitos entre as ideias porque o que ocorre é uma apresentação colocada pelo orador, que pode ser simplesmente aceita ou não pelo auditório. Assim, para que esta atitude não seja desperdiçada, os valores trazidos por este orador em sua prática retórica corresponderão aos que o auditório almeja.

Na concepção de Perelman e Olbrechts – Tyteca (2005), a relação com o ouvinte deve ser construída de modo que ocorra uma aceitabilidade, uma adesão daquilo que será exposto. As ideias correntes em tais discursos não almejam mudanças bruscas, novos ideais, mas aquilo que é tradicional. Neste caso, o orador já tem um conhecimento prévio do que é aguardado pelo auditório, de modo que sua explanação não trará novas perspectivas sobre um assunto, mas solidificará elementos já gestados.

Análise de fragmentos da carta-testamento de Getúlio Vargas na perspectiva do discurso epidítico.

Os fragmentos analisados da carta testamento de Getúlio Vargas têm a finalidade de mostrar o modo como as ações retóricas permeiam a história humana. Em qualquer circunstância há um texto, há uma palavra, seja na hora do nascimento ou da morte, na hora da vitória ou da derrota.

Alegro-nos intensamente por termos ouvido uma palavra que conforta ou choramos em desconsolo porque alguém nos disse o que disse. Praticamente tudo pode ser representado pela linguagem: o ódio e o amor, a raiva e a calma, o poder e o medo, a esperança e o desespero, o perdão e a culpa, a alegria e a tristeza. Às vezes jocosa, ela mistura os sentimentos só para provocar o sorriso em nós. Não raro, investida de argumentos, requer raciocínios e raciocínios só para mostrar-se convincente. Tem seus caprichos! A retórica os conhece e permite desvendá-la em muitos momentos (FERREIRA, 2010, p.8).

Os gêneros presentes na oratória devem ser compreendidos em uma nova perspectiva, diversa da época de Aristóteles, não por invalidez do mesmo, mas porque hoje a linguagem assume novas dimensões e contextos. Conta-se com

uma atuação linguística mais atraente por meio da publicidade e mais elaborada por meio da literatura ou dos textos digitais. Ao analisar-se a carta-testamento de Getúlio Vargas não se tem a intenção de julgá-la, mas encontrar indícios de como um gênero retórico ganhou vida e substância por meio do autor em um momento único de sua vida: a morte. Também é necessário afirmar que uma análise retórica não busca aprofundar-se o que foi dito ou escrito tem razão ou não, a única finalidade é observar como as palavras (argumentos) se configuram perante uma determinada situação, um determinado público e uma dada contextualização.

Para uma análise retórica é preciso compreender aspectos essenciais como as perguntas que nos ajudam a delimitar e compreender melhor o caminho escolhido pelo orador: do que trata o texto? O que é afirmado? Contra o quê? Como é dito? Tais questões ajudam na orientação de uma forma didática e acessível de cada situação e será através delas que se fará esta breve análise do texto de Getúlio Vargas, pois,

como sabemos, não há texto isolado. Todo pronunciamento é criado a partir de eventos anteriores, que compõem um complexo que envolve pessoas, fatos, discursos, interpretações da realidade e desejos de persuasão. Para desvendar os sentidos de um texto, recomenda-se interrogar o próprio texto exaustivamente, a fim de encontrar os lugares da interpretação (FERREIRA, 2010, p.52).

O contexto que permeia a carta-testamento de Getúlio Vargas é a crise do seu governo. Ele é o presidente no ano de 1954, em uma política instável e conturbada. Pairava sobre sua pessoa acusações que o levaram à baixa popularidade. A carta-testamento de Getúlio Vargas é pessoal, mas ao mesmo tempo pública, pois em várias partes há o vocativo “povo brasileiro”. Ao dizer “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate” (l. 37), justifica-se o teor de testamento que se mescla com o intuito público e político de sua carta.

Do que trata o texto?

Getúlio Vargas suicidou-se com um tiro no peito. Era o dia 24 de agosto de 1954. Duas folhas foram deixadas por ele, esta foi sua última atitude política. Horas depois este documento foi lido publicamente, na rádio Nacional, pelo ministro Oswaldo Aranha. Após a leitura, a população promoveu manifestações que impediram o golpe que já estava sendo planejado. Para Skidmore (2010): “Na morte, como na vida, a ação de Vargas foi calculada para provocar o máximo de efeito político”. Neste sentido, o início da análise retórica já começa a ser exercido porque há uma intenção, uma atitude que busca aprovar a adesão de alguém diante de um fato. Para isto ocorre a formação do discurso, articulado por meio dos argumentos e do raciocínio.

A epístola

A carta-testamento compõe-se de dois gêneros: a epístola e o testamento. A carta contém os elementos encontrados nesta produção, tais como: lugar, data e vocativo. Estes elementos são estudados de modo que concerne à análise a categoria de epístola, pessoal e ao mesmo tempo pública:

“ Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue” (l. 25).

“Escolho este meio para sempre estar convosco” (l. 28).

“Quando vos humilharem sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado” (l.28).

“Quando a fome bater a vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e por vossos filhos” (l. 29).

Há neste momento uma relação de afeição de uma figura pública, de prestígio com os seus. A familiaridade com o gênero epidítico revela-se pela certeza com que o orador monta sua argumentação. O público por sua vez não tem a autonomia para agir como juiz da situação, mas para ser passivo e congruente. O interlocutor é identificado pelas formas pronominais pessoal e possessivo: “vós”, “convosco” 2ª pessoa do plural e “vossa” 2ª pessoa do plural.

A emoção com que o referido presidente constrói suas palavras é outra marca que justifica o gênero epístola:

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue (4º parágrafo).

Pelas formas de tratamento com que o autor se utiliza no decorrer do texto e o tom emotivo, revelando uma aproximação e ao mesmo tempo uma ideia de desabafo, é possível um reforço no conteúdo subjetivo que é elementar na construção deste gênero.

A presença do gênero epidítico é forte por meio de passagens em que o autor apresenta suas condições, mas com uma certeza de aceitação daqueles que lerão, ou seja, o público compartilha de suas ideias:

“Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci” (l. 6). “Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho” (l.16).

Tais trechos sinalizam uma familiaridade, mesclada com a intenção política, reforçada pelo orador, que possibilitam, por meio do gênero epístola, endereçar-se pessoalmente ao público, garantindo assim uma aceitação e ao mesmo tempo uma explanação que seja acolhida pelo povo que o aclamava.

O gênero testamento é muitas vezes encontrado em contextos políticos, assim, define Belloto: “Documento diplomático testemunhal de assentamento, horizontal, notarial. Disposição ou declaração solene da vontade do testador sobre aquilo que deseja que se faça, depois da sua morte, com seus bens e fortuna”. (2002, p.47).

O documento mostra a vontade do orador em que as ações se prolonguem, não apenas na esfera dos bens materiais, o que é comum no gênero testamento, mas na construção argumentativa de sua imagem, de sua pessoa, ou seja, a carta-testamento de Getúlio Vargas é um legado linguístico que emoldurado diretamente pelo sentido político de sua personalidade. Vargas não quer que seu nome conste apenas nas placas inaugurais de edifícios ou rodovias, mas na memória de um povo.

“Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate” (l. 37)
“Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte” (l.40)

O “legado” do presidente Getúlio Vargas é subjetivo e intrínseco porque ultrapassa os limites daquilo que até então fora razoável e costumeiro. No momento limite da consciência de sua atuação propõe sua vida como garantia de uma eternidade que será lembrada por todos como um homem libertador e que agora sofre as infâmias daqueles que não comungaram de seus ideais e vontades.

Outro aspecto importante é o modo como Getúlio Vargas se caracteriza como um mártir, ou seja, alguém que doa sua vida por um ideal. Ele era um estadista, populista e suas ações demonstram uma “preferência” pelos mais oprimidos da sociedade. O aspecto religioso não é evidente neste texto, mas há momentos em que esta comparação aflora para a dimensão cristã do mártir: “Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência” (l. 31).

Para a construção do discurso retórico, os argumentos visam preencher as necessidades da circunstância. Assim, os argumentos levarão em conta as emoções, os raciocínios de modo que ganhem legitimidade em uma situação percebida e construída pelo orador. Segundo Perelman e Tyteca:

A intensidade de adesão, visando à ação eficaz, não pode ser medida pelo grau de probabilidade conferido à tese aceita, mas antes, pelos obstáculos que a ação supera, pelos sacrifícios e escolhas que ela acarreta e que a adesão permite justificar. A existência de um lapso de tempo, maior ou menor, entre o momento da adesão e o da ação que ela deveria suscitar explica suficientemente a intervenção no debate, julgado anteriormente encerrado, de certos valores esquecidos ou minimizados, de elementos novos que talvez tenham surgido depois da tomada de decisão (p. 55, 2005).

A explicitação do destino que fora imposto a um líder que venceu e a ideia de afeição com as dores do povo permitem que a construção do gênero epidítico se dê por elementos de aceitabilidade e por meio de um monólogo

que se desencadeia na adesão do público, sem necessidade de julgamentos ou demonstrações concretas, mas apenas pelo valor apresentado.

A demonstração de dificuldades por um líder e sua ação como única forma de solucionar crises cria a sensação de apaziguamento e entrega, de modo que não há espaço para posteriores julgamentos.

O que é afirmado?

A construção do discurso de um estadista supõe muitas colocações populares, mas no contexto da política de Getúlio Vargas havia uma apresentação do então presidente como vítima diante das acusações e da baixa popularidade.

A narrativa da história política em que ele se encontra fornece elementos do gênero epidítico que promovem a exaltação de sua atuação enquanto líder populista. Neste aspecto, o autor constrói a invenção, palavra do latim *inventio*, do verbo *invenire*, achar, encontrar. Nesta etapa, o orador procura os elementos que firmarão os acordos com o auditório e manterão seus argumentos plausíveis, mesmo em situações limites. Getúlio Vargas encerra sua vida privada e pública, mas não no sentido isolado, comum, sem autoridade, mas investido de uma certeza e de um consentimento político que buscou no povo, mesmo após sua morte. A invenção do orador pode passar de modo discreto pelo auditório, mas é muito bem ordenada pelo orador. No segundo parágrafo de sua carta há elementos que demonstram o momento da *inventio* de modo claro e objetivo:

A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre (1.9).

A demonstração de importância e preocupação com o auditório permitem a construção de argumentos plausíveis e que promovem a sensação de ouvintes

e passivos, pois as emoções e os elogios não propõem um julgamento, mas uma admiração. O trabalho, o salário e os bens nacionais sinalizam elementos que mexem com a estabilidade social e emocional de um povo. No discurso epidítico isto é compreendido como o momento de louvar o agradável, o belo, o justo.

Ao contrário da demonstração de um teorema de geometria, que estabelece de uma vez por todas um vínculo lógico entre verdades especulativas, a argumentação do discurso epidítico se propõe aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais não pairam dúvidas quando considerados isoladamente, mas que, não obstante, poderiam não prevalecer contra outros valores que viessem a entrar em conflito com eles. O orador procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar (PERELMAN, TYTECA, p. 57, 2005).

O gênero epidítico promove uma comoção por meio de recursos empregados pelo orador. No texto analisado encontra-se a elaboração de provas que permitem justificativas louváveis, pois estão ligadas à condição humana e são tidas como coisas essenciais ao homem: a vida digna, o trabalho e a moradia. Assim, há uma parceria, uma comunhão entre o orador e o público. Nas palavras de Adam (2010, p.125) “a força do epidítico está precisamente em criar retoricamente uma indivisão, um efeito de comunidade, de postular essa *homonia* como um fato e exaltá-la” [grifo do autor].

Contra o que?

A relevância da figura de Getúlio Vargas é incontestável. Sonhou em ser militar, mas não seguiu a carreira e foi estudar direito. Mas era a política que animava a sua alma. De acordo com o Instituto Gusmão (2004, p. 11),

a elas [características] somava o gosto pela política, a disciplina individualista, a sedução ao pé do ouvido, a discrição e, com ela, o mutismo de quem achava que Deus nos deu uma boca e dois ouvidos para ouvirmos o dobro do

que falamos. Só era tagarela para perguntar: encurralava o interlocutor com um interrogatório em que demonstrava muito interesse pela pessoa e por suas ideias, e o entrevistado saía da sala sem saber o que ele pensava.

Getúlio foi o homem das massas. Incentivou a industrialização no Brasil, criou leis trabalhistas, instituiu o direito de a mulher votar, mas ao mesmo tempo era um ditador. Em seu discurso de posse afirmou: “a minha candidatura não nasceu (...) das injunções da política ou das combinações dos partidos. Ela veio diretamente do povo, dos seus apelos e dos seus clamores”. (KOIFMAN, 2002, p. 404).

Toda ação discursiva carrega consigo marcas das instituições de onde partem. Seja um professor, um juiz ou mesmo uma mãe, todos carregam a instituição e o lugar de autoridade que permite que tal atitude ocorra e conseqüentemente esta verbalização tem um destinatário; assim, “o discurso autorizado camufla-se, muitas vezes, em discurso competente porque é natural em nossa sociedade premiar aqueles que ganham evidência profissional, intelectual, esportiva, política etc” (FERRIRA, 2010, p. 95).

A instabilidade do governo de Getúlio é retratada como uma motivação para aquilo que cometeria: o suicídio. A construção do gênero epidítico se dá por meio de uma exposição louvável da entrega de sua vida. Apresenta ao povo toda a situação não como um presidente, utilizando-se de um discurso oficial, mas como alguém próximo e vítima, que estava junto ao povo e desejava que o mesmo sentisse a angústia que passara. Restava ao público acolher tais lamentos e louvores,

“Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado” (l. 23).

A Carta-Testamento de Getúlio Vargas é direcionada ao povo não porque era a grande referência, mas porque era este mesmo público que acolheria sua construção retórica e aprovaria suas palavras. Na condição do gênero epidítico, a matéria digna de louvor é que deve ser revelada ao auditório. É a maneira de

trazer junto à exposição coisas que motivem sua colocação e que, junto a elas, as qualidades do subjetivo também sejam elencadas, pois

o Belo é o que, sendo preferível por si mesmo, é digno de louvor; ou que, sendo bom, é agradável porque é bom. E se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois sendo boa, é digna de louvor. A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda sorte e em todos os casos. Os elementos da virtude são a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberdade, a mansidão, a prudência e a sabedoria (...) (ARISTÓTELES, cap.9, 1366b).

Durante toda a construção retórica do estadista há uma motivação não apenas de feitos no sentido concreto, mas do valor da pessoa que ali é sustentando. Não são as obras por si que devem ser defendidas, mas um homem. Não são as qualidades políticas, tratadas no âmbito do oficial e político que devem ser reconhecidas, mas o sujeito que ali era colocado. Há uma preocupação em assegurar o caráter, o subjetivo perante o povo que por estas mesmas observações o elegeu. O reconhecido auditório é o povo. Para a massa, o que move ações são argumentos que promovem comoções e entusiasmos, alegrias, que podem até ser efêmeras, mas que são permitidas por alguém (líder político, religioso, social). Assim, os sentimentos de justiça, coragem, temperança, magnificência e mansidão são reanimados no auditório provocando a aceitação do que é exposto. Na elaboração isto já é considerado pelo orador, pois na construção do discurso epidítico há um acordo entre o que será falado e o que é esperado pela plateia.

Como é dito?

Em uma construção retórica é necessário buscar a aceitação, de modo intenso e expressivo. Neste caso, a habilidade de um orador será munir-se de um repertório capaz de utilizar-se da retórica para a interpretação, a partir do qual desenvolverá e conduzirá o raciocínio dos que ouvem.

“A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre” (l. 14).

“ Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruiu os valores do trabalho” (l.16).

A construção argumentativa de Vargas desencadeia uma coletânea de lembranças, fatos e sentimentos que sedimentam a história das pessoas. No discurso para as massas é preciso falar de modo que todos sejam atingidos. Há a busca por uma equiparação que permite ao orador falar para todos e com todos. Neste aspecto, os argumentos são colocados de modo objetivo, mas não se afastam dos sentimentos que eles despertam no auditório.

Outro aspecto é a intencionalidade que a carta-testamento de Vargas reflete. Ao deixar seu escrito de despedida afirma que não sairá de modo comum, mas como alguém que triunfa por meio de seus feitos. Esta intenção está incutida em todo o seu discurso e será sua última afirmação: “o ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História” (l.39). A edificação da imagem do herói justifica a intenção de tanto afirmar feitos e sua condição humana em favor do povo e assim seu discurso é acolhido pelo auditório. Não se pode negar que no decorrer de toda a sua ação retórica, Getúlio Vargas soube elencar todo um trajeto, pensado e justificado por si. Sabia para quem falava e como falava e sua intenção sempre repousou no fato de ser eternizado não apenas pelas ações, mas pelo modo como o público enxergaria tais feitos.

Conclusão:

A importância de trabalhar a carta-testamento de Getúlio Vargas possibilitou um mergulho no campo da retórica, e especialmente no gênero epidítico.

Este trabalho apresentou a análise de alguns fragmentos, com a intenção de promover uma reflexão sobre como a construção dos argumentos na comunicação humana exerce um valor substancial. O modo como foi apresentado buscou compreender os gêneros textuais que se entrelaçam nesta obra e ao

mesmo tempo a intenção retórica dentro desta produção. Os gêneros têm uma especificidade e uma função social, de modo que permitem ao leitor explorar suas circunstâncias e meios de circulação, com isto, somado ao gênero retórico, foi possível compreender como tal edificação se deu.

O gênero epidítico preenche diversos espaços discursivos nas atuações humanas. Por meio deste gênero retórico é possível como perceber como ocorre a intencionalidade das ações e das falas de pessoas que exercem algum cargo de prestígio social. Assim, para estabelecer sua definição, é preciso percorrer um caminho retórico pelo qual se descobre como este campo auxilia na compreensão e visão de mundo por meio de um questionamento do texto.

O aspecto didático, justificado pelas perguntas retóricas, foi uma alternativa de mostrar como, mesmo em situações históricas, é possível garimpar as palavras. A retórica existe onde há espaço democrático; quando este espaço não existe, ela morre. Assim deve ser a compreensão retórica da comunicação humana, exploração e compreensão nas diversas esferas da atividade linguística.

Anexo:

Carta Testamento Getúlio Vargas

Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se a dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de

agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre.

Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, as calúnias não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História (Rio de Janeiro, 23/08/54 - Getúlio Vargas)

Referências

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação.** A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão:** princípios de análise retórica.- 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

SKIDMORE, T.2010. **Brasil:** de Getúlio a Castello. Campinas. São Paulo: Companhia das Letras.

BELLOTO, H.L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento e análise tipológica de documento de arquivo.** São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial, v.8,2002.

ADAM. Heimann, U.; MAINGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas:** metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.

Brasil. Presdidente (1931-1954: Getúlio Vargas). **Discursos selecionados do Presidente Getúlio Vargas.** – Brasília: FUNAG, 2009.

KOIFMAN, Fábio. **Quixote nas trevas:** o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARISTÓTELES [384 – 322 a.C.]. **Retórica.** 2 ed., revista. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seu autor.